

Luisa Cheib Serra-Negra

A Menina que engoliu o Sorriso

Ilustração: Cristina Arruda

Organização: Junia Serra-Negra

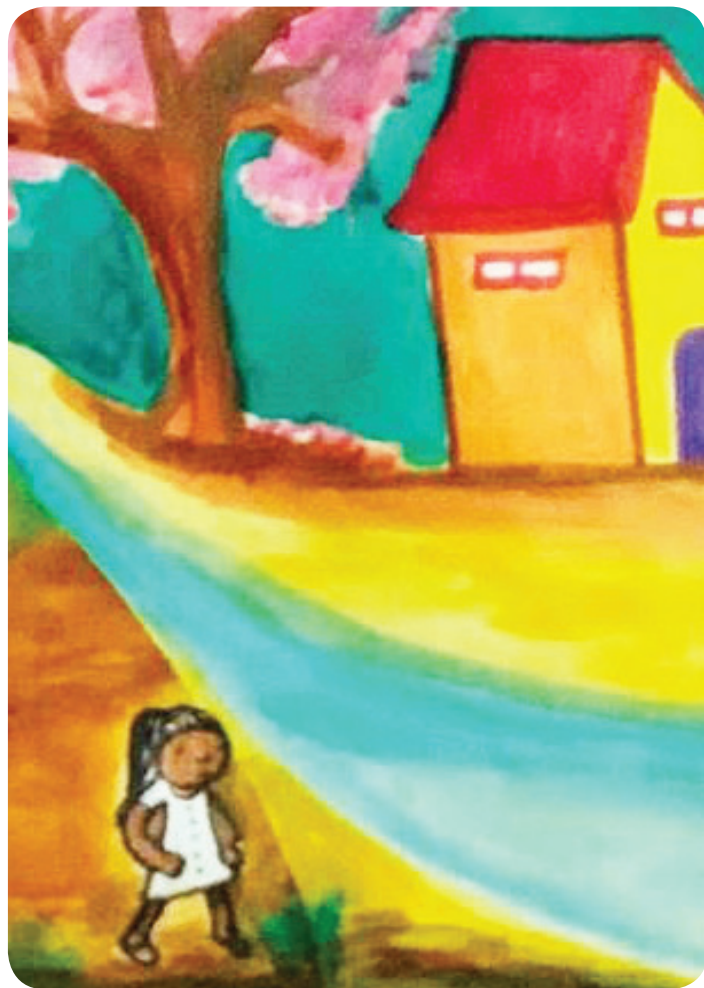


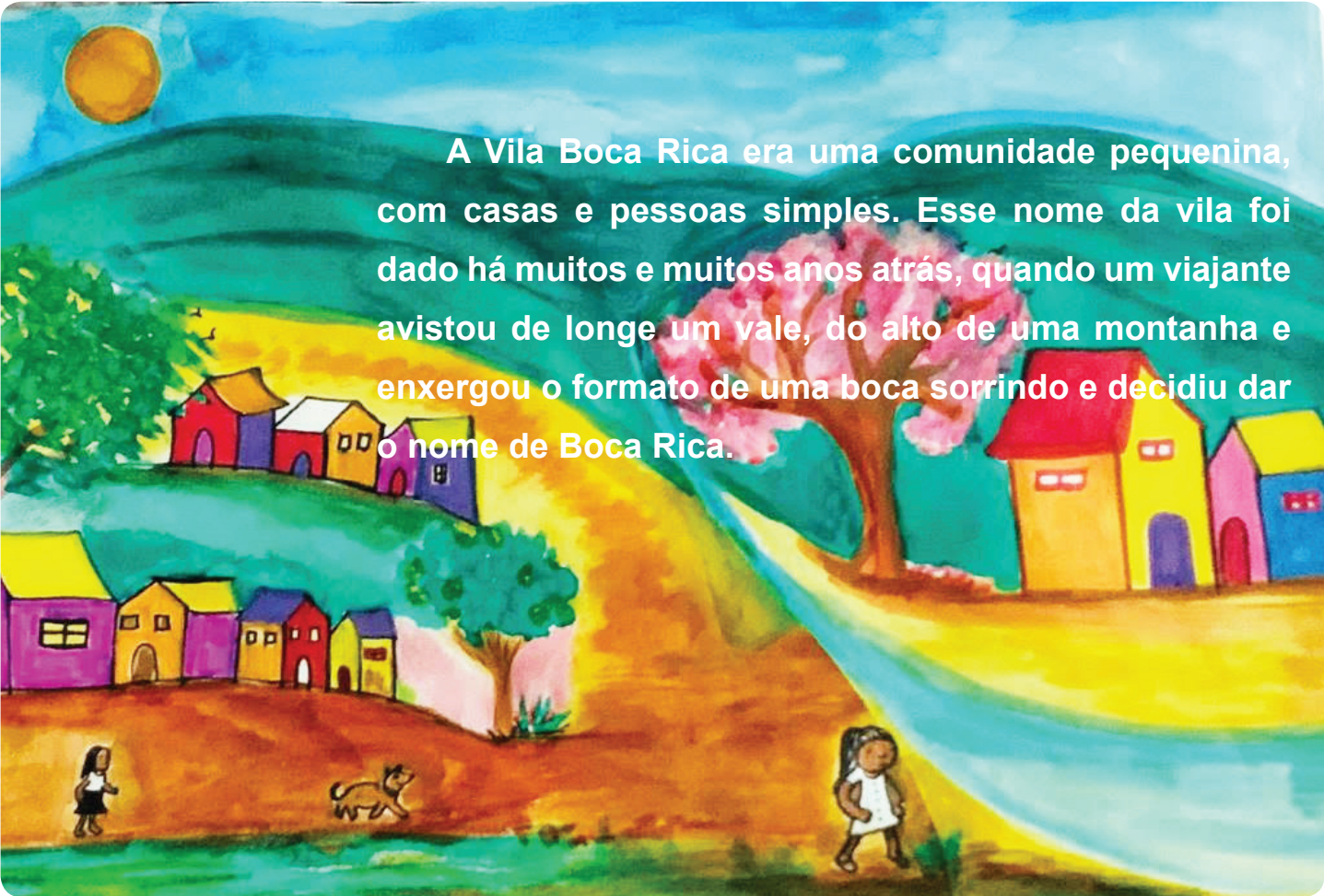
Agradecimentos

Agradeço a Minha Tia Júnia que sempre soube me ouvir e dar asas a minha imaginação. Ao Tio Marco, minha mãe e meu pai que sempre me apoiam. Também agradeço aos meus bichinhos de estimação que foram inspiração para esta história.

Dedicatória

Dedico este livro a todas as crianças do mundo, que, engoliram seus sorrisos devido a pandemia do coronavírus.





A Vila Boca Rica era uma comunidade pequenina, com casas e pessoas simples. Esse nome da vila foi dado há muitos e muitos anos atrás, quando um viajante avistou de longe um vale, do alto de uma montanha e enxergou o formato de uma boca sorrindo e decidiu dar o nome de Boca Rica.



Apesar deste nome, lá na Vila não morava gente rica. Pelo menos não eram ricos de dinheiro, mas, havia outro tipo de riqueza. Eram ricos de alegria e uns ajudavam aos outros. O lema era dividir e compartilhar tudo!

Aquela couve fresquinha? Bastava buscar na horta de Dona Mariquinha! Quem quisesse ovo caipira, buscava na casa de Dona Safira! Aquela cheirosa broa era certo com a Dona Noa! E o seu Zé Quinzinho que tinha o melhor geladinho? Se para a escola você estava atrasado, pedia carona para o Seu Leonardo! A tarefa de casa estava difícil de entender? Podia pedir ajuda para Professora Lelê!

Nos finais de semana
sempre tinha festa! Festa de
gente pequena durante o
dia e festa de gente grande
durante a noite. Se alguém
se descontrolava e resolvia
brigar, tinha sempre alguém
para a briga desmanchar.



Sofia era uma menina linda que morava na Vila! Tinha cabelos cacheados, olhos amendoados e pele cor de chocolate. Na casa de Sofia moravam mais sete pessoas. Sua mãe, seu pai, sua avó e quatro irmãos. Havia muita coisa boa, mas, havia muita preocupação também dentro deste lar. Sofia se preocupava quando via o sacrifício de seus pais para manterem os cuidados com a família e as despesas da casa. Ela tentava ajudar fazendo pulseiras e colares de missangas coloridas!



Sofia tinha amigos de todos os estilos! Ciça tinha a pele bem branquinha e o cabelo loiro todo crespo. Juca tinha a pele morena, os cabelos lisinhos e os olhos verdes. Manu tinha os olhos puxadinhos, herdados de seu pai japonês e o cabelo preto bem lisinho. Zeca Alemão tinha os olhos azuis e o cabelo loirinho bem lisinho. Laís tinha o cabelo vermelho, a pele pintadinha e os olhos cor de mel. Todos conviviam muito bem!!!





Sofia preenchia seus dias, também, brincando com seus bichinhos de estimação. Eram dois: A cadela Lalinha e o gato Paçoquinha. Dizem por aí que cão e gato não são amigos, mas, não era o que acontecia com Lalinha e Paçoquinha. Eles viviam em harmonia.

A menina Sofia tão linda e feliz começou a perceber que algo havia mudado na Vila. O Prefeito Godofredo baixou uma lei que o comércio não poderia ficar aberto, as pessoas deveriam ficar em casa e quando precisassem sair à rua, precisavam usar máscaras.



A escola fechou também e a Professora Alice explicou que havia um vírus que estava deixando muitas pessoas doentes e essa doença poderia até matar! Sofia pensou que o vírus era um bicho. A professora explicou que vírus não era bicho igual gato, cachorro e cavalo. Era um microrganismo bem pequenininho que os olhos das pessoas não eram capazes de enxergar. Os cientistas conseguiram ver esse vírus num equipamento chamado microscópio e deram o nome de corona porque ele tinha formato de coroa.

Sofia ficou mais confusa ainda! Quem usa coroa não é rei e rainha? Isso é coisa de realeza? Mas que realeza é essa que pode matar as pessoas? Muito estranho isso, mas, toda a Vila decidiu se proteger e seguir as leis do prefeito.

Todas as lojas fecharam. Quase não se via mais pessoas nas ruas. As festas de final de semana acabaram. A Vovó Filó foi morar em outra casa, pois, ali ela correria risco de vida com tantas pessoas na mesma casa. Sofia ficou triste... Ela gostava de morar junto com a Vovó Filó. As mudanças nos costumes da vila foram deixando uma nuvem de tristeza.



Não se ouviam mais as cantorias do seu Chico da Pamonha e nem as gargalhadas da Dona Jurema do mercadinho. A própria Sofia engoliu o sorriso e quando expiava pela janela, via poucas pessoas e todas com a boca tampada por máscara. Será que todo mundo engoliu o sorriso?

A sua mãe já limpava toda a casa, mas, a limpeza ficou mais caprichada. Lavar as mãos com água e sabão era muito importante! E dependendo do momento até álcool em gel tinha que passar nas mãos!

A mãe repetia várias vezes ao dia:

— Nada de colocar as mãos na boca, no nariz e nos olhos! Cuidado pessoal!

Até as patinhas de Lalinha e Paçoquinha eram lavadas quando eles escapavam e iam para a rua.



As coisas estavam tensas e pioraram quando a vila ficou sem água. Se precisamos limpar tudo bem limpinho, como fazer isso sem água? Seu Jerô, líder da comunidade, avisou que ia precisar de caminhão pipa com água. Na cabeça de Sofia ela pensava, como deve ser um caminhão de carregar água? De onde vem essa água?

A água chegou no caminhão, e a mãe repetia:

— Todo mundo tem que economizar a água! A água do caminhão custa muito mais caro para a comunidade!

Se tudo tinha que ficar bem limpinho, como economizar? Gente grande faz coisas estranhas... Sofia pensava, mas, obedecia.

Um belo dia, Sofia observou que Lalinha e Paçoquinha entraram em casa molhados. Será que estava chovendo? Olhou na janela e viu que não estava chovendo. Será que eles caíram em algum balde com água? Água era uma preciosidade ali. Que confusão era essa que eles podiam estar armando?

Sofia secou os bichinhos com uma toalha. No dia seguinte eles apareceram molhados novamente. Que estranho isso, pensou Sofia!



Sofia pensou num plano: vou seguir os bichinhos para ver onde eles estão se molhando. No dia seguinte, acordou bem cedinho e ficou observando... Colocou sua máscara e foi seguindo os bichinhos. Eles caminharam por entre umas árvores no final da rua.

Sofia foi seguindo, pé ante pé, para ver onde eles iriam. Para sua surpresa, eles haviam descoberto uma mina d'água. A água corria entre pedras e raízes de plantas.



Sofia correu de volta à vila e chamou sua mãe. Quase sem ar de tanto correr, ela explicou:

— Mãe, mãe, mãe!!! A Lalinha e o Paçoquinha descobriram um lugar que tem água lá junto das árvores no fim da rua!

— Que água menina? Que confusão é essa agora que você está aprontando? Já te falei milhões de vezes que a gente não pode falar mentira!

— Mãe, é verdade! Tô mentindo não! Juro juradinho! Eu vi que eles chegavam molhados e fui seguindo para ver onde eles estavam encontrando água! Eles acharam um lugar nas pedras que sai água!

— E a senhorita saiu de casa me desobedecendo, menina?

— Mãe não fica brava comigo!! Foi uma descoberta importante e eu saí de casa usando máscara!

— Ok! Dessa vez vou te dar um desconto! Vá a casa de Seu Jerô e conte para ele sua história! Lembre-se de colocar máscara!

Sofia colocou a máscara e saiu imediatamente, indo à casa do Seu Jerô, que era líder da comunidade da Vila Boca Rica.

Seu Jerô prestou bastante atenção no que a menina dizia. Olhou para o megafone que estava em cima da mesa, o pegou forte com suas mãos grandes e disse:

— Sofia, esta é uma descoberta muito importante! Vamos chamar as pessoas da comunidade para ajudarem a achar esta mina. Vamos conferir se existe mesmo esta mina e se esta água é limpa.





Seu Jerô ajeitou sua máscara sobre os óculos, pegou o megafone e convocou toda a comunidade pela janela.

— Parece que foi descoberta uma mina d'água aqui perto! Quem quer ajudar na descoberta da mina ?

Rapidamente várias portas se abriram, saíram algumas pessoas. Seu Jerô chamou atenção de Jeferson que estava sem máscara.

Seu Jerô logo foi dizendo bem alto:

— Sem máscara ninguém sai de casa!!! E não podemos fazer aglomeração também!!

Sofia via as sobrancelhas de Seu Jerô franzidas, parecia um pouco bravo, mas, quando ele dizia da possibilidade de ter água limpa para a comunidade, os seus olhos brilhavam!

Um grupo de pessoas mascaradas saiu para o local da mina de água, guiados pela Sofia, Lalinha e Paçoquinha.

— Sem aglomeração pessoal! Reforçava Seu Jerô!

Que surpresa boa todos tiveram! Realmente ali tinha água! Seu Jerô pegou uma garrafinha, encheu de água e disse que levaria para o prefeito. O prefeito mandou analisar a água.

O Prefeito Godofredo disse:

— Precisamos saber se esta água pode ser usada pelas pessoas sem causar doenças.

Esse foi mais um aprendizado para Sofia. Ela achou que podia beber a água daquele jeito mesmo, sem precisar estudar a água.

Passaram alguns dias e o resultado da análise da água chegou. Seu Jerô pegou o megafone de novo e convocou a comunidade que ouvia das janelas das casas a seguinte mensagem:

— Boas notícias! A água pode ser usada, pessoal!

Seu Jerô elogiou Sofia que ajudou a descobrir a mina, mas, chamou atenção da menina que havia saído de casa. O que fez Sofia se defender:

— Eu juro que não queria fazer nada de errado! Eu queria descobrir de onde vinha aquela água que molhava os bichinhos. E a água pode ajudar toda a comunidade!

Sofia viu que a água ajudou a comunidade, mas a tristeza ainda permanecia. Quanta saudade da Vovó Filó ela sentia! Ela queria tanto ver a Vovó Filó... Ela não tinha vontade de sorrir e ficava olhando pela janela que as poucas pessoas que passavam na rua tinham a boca tampada por máscaras. Isso continuava... Ela pensava: como era bom quando as pessoas não tinham engolido o sorriso...



A saudade da Vovó Filó diminuiu quando seu pai conseguiu que elas conversassem em vídeo pelo celular. Sofia logo ouviu a voz da Vovó Filó:

— Que bom ver sua carinha linda Sofia!

Sofia respondeu:

— A saudade é grande!

Vovó Filó percebeu que Sofia estava triste e foi dizendo:

— Onde está aquele sorriso lindo que ilumina essa carinha linda da minha netinha?

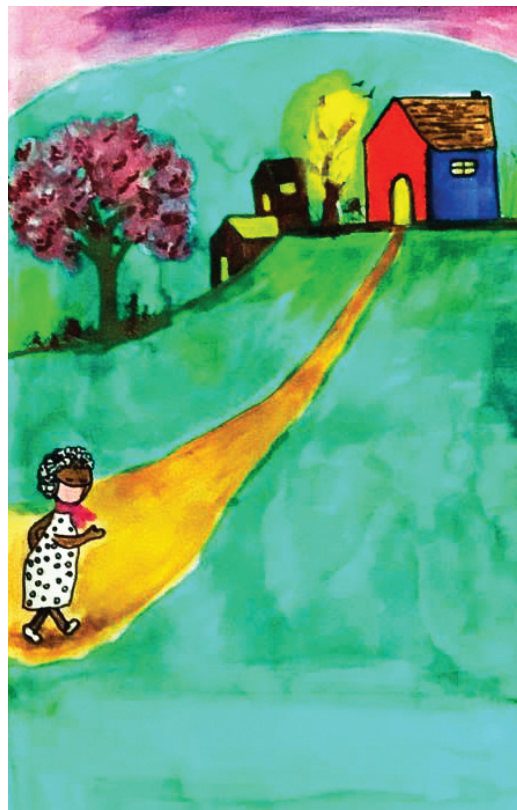
Sofia disse a Vovó:

— Acho que engoli o sorriso e acho que as outras pessoas da vila também engoliram... eu olho pela janela e não vejo mais os sorrisos das pessoas... as bocas estão tampadas por máscaras...



Vovó Filó então disse para a netinha:

— As pessoas estão com as bocas tampadas por máscaras porque elas estão protegendo as outras. Cada um que usa a máscara pode proteger toda a comunidade. Este é um momento triste mesmo que o mundo está passando, mas, as pessoas continuam sentindo as coisas por detrás da máscara. Quando elas sorriem, você não vê a boca, mas você poderá ver o brilho dos olhos desta pessoa. Agora precisaremos entender o que as pessoas estão sentindo de um outro jeito! Sorria também! A alegria tem muita força! Existem coisas tristes que acontecem, mas existem muitos momentos felizes que acontecem também! E os momentos tristes uma hora vão passar!





Sofia escutou as palavras sábias
de Vovó Filó e abriu um lindo sorriso!

Vovó Filó logo disse:

— Assim é bem melhor! Sorria
linda Sofia!

Ela aprendeu a lição: a máscara
é muito importante para proteger as
pessoas neste momento, mas, ela não
tira a emoção das pessoas!



Depois disso, Sofia decidiu passar mensagens boas para as pessoas. Ela escrevia numa folha de papel: “Sorria, hoje seu dia vai ficar melhor com sorriso!”

E todos os dias ela colava na janela a mensagem junto com desenhos coloridos, cheios de carinho, que ela mesma desenhava! As pessoas passavam de máscaras, viam as mensagens e sorriam detrás da máscara e com brilho nos olhos!

Ela está também tentando convencer Seu Jerô a dar medalhas para Lalinha e Paçoquinha. Afinal de contas, foram eles que descobriram a água. Seu Jerô disse que está pensando no assunto...

Autora

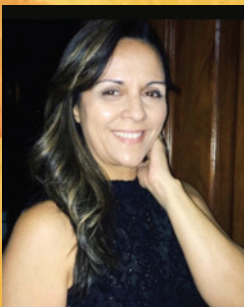


Luisa Cheib Serra-Negra, estudante, nasceu em Belo Horizonte, em 24 de janeiro de 2008. Filha de Helia Mara Gonçalves e Emmanuel Serra-Negra Júnior, demonstrou sensibilidade e criatividade desde muito cedo. Quando mais nova, gostava de passar os finais de semana com sua madrinha, Tia Júnia, brincando de teatro no papel de roteirista, protagonista e diretora. Foi numa destas brincadeiras que surgiu a inspiração para a história “Menina que engoliu o sorriso”. Com a necessidade do distanciamento social, devido a pandemia do corona vírus, Luisa decidiu usar sua história para ajudar as crianças a entenderem este momento atual, em que as pessoas estão precisando usar máscaras.



Organizadora

Profa. Dra. Júnia Maria Cheib Serra-Negra, dentista, trabalha como professora e pesquisadora junto ao Departamento de Saúde Bucal da Criança e do Adolescente da Faculdade de Odontologia da UFMG. É odontopediatra, poeta, cantora e compositora. Associada ao Museu Nacional da Poesia.



Ilustradora

Cristina Nunes Arruda, cirurgiã-dentista, educadora, artista e odontopediatra, ministra palestras sobre saúde bucal, autora do livro infantil *Quem mora na minha boca*, 2019. Como ilustradora, deixa impressa sua personalidade através de aquarelas com suas imagens e cores fortes.

ISBN 978-6500-07697-4



9

786500

076974

2020 Brasil